

# sobre tudo

## APRENDIZAGEM COLABORATIVA NO ENSINO REMOTO: PRODUÇÃO E MINISTRAÇÃO DE AULAS NA DISCIPLINA DE LÍNGUA FRANCESA DO 3º ANO DE ENSINO MÉDIO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO (CA-UFSC)

Valeria Cristina Noronha Kasper/UFSC

Narceli Piucco/UFSC

Clarissa Laus Pereira Oliveira/UFSC

**Resumo:** Este artigo foi desenvolvido com base nas experiências vivenciadas durante o período da pandemia da COVID-19, quando as instituições de ensino estavam desempenhando suas atividades de maneira remota. Este trabalho tem o intuito de fazer uma breve reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem colaborativa, tendo como foco as relações entre a professora orientadora do estágio, a professora titular da disciplina de francês do Colégio de Aplicação/UFSC e as duas estagiárias ao longo das experiências vivenciadas para a concretização de dois projetos que foram partes importantes das atividades desenvolvidas nos estágios I e II. O nosso objetivo é, a partir do inter-relacionamento dos agentes envolvidos, refletir sobre como os

elementos dos conceitos de ensino-aprendizagem colaborativa estão inseridos no contexto desses dois blocos de relacionamento. Deste modo, procuramos estabelecer um paralelo entre as nossas experiências na produção de um dos projetos e elementos da aprendizagem colaborativa. E para isso, nós nos apoiamos em teóricos como Selma Garrido Pimenta, José Carlos Libâneo, Marta Kohl Oliveira, Alcino Silva, Christian Puren, para assim pensar o processo de ensino-aprendizagem colaborativa em nossa formação profissional e pessoal.

**Palavras-chaves:** Estágio supervisionado. Ensino-aprendizagem colaborativa. Inter-relacionamento. Relato de experiência.

**Résumé:** Cet article a été élaboré sur la base des expériences vécues pendant la période de pandémie de COVID-19, lorsque les institutions d'enseignement exerçaient leurs activités à distance. Ce travail vise à faire une brève réflexion sur le processus d'enseignement-apprentissage collaboratif, en tenant compte des relations entre la professeure du stage, l'enseignante de la discipline français au Colégio de Aplicação/UFSC et les deux stagiaires tout au long des expériences vécues visant la réalisation de deux projets qui constituaient des éléments importants des activités développées dans les stages I et II. Notre objectif est, à partir de l'interrelation des agents impliqués, de réfléchir sur la façon dont les éléments des concepts d'enseignement-apprentissage collaboratif s'insèrent dans le contexte de ces deux blocs de relations. De cette façon, nous cherchons à établir un parallèle entre nos expériences dans la production d'un des projets et des éléments d'apprentissage collaboratif. Et pour cela, nous nous appuyons sur des théoriciens tels que Selma Garrido Pimenta, José Carlos Libâneo, Marta Kohl Oliveira, Alcino Silva, Christian Puren, pour réfléchir au processus d'enseignement-apprentissage collaboratif dans notre formation professionnelle et personnelle.

**Mots-clés** : Stage Supervisé. Enseignement-apprentissage Collaboratif. Interrelation. Rapport d'expérience.

Neste artigo pretendemos apresentar questões e considerações a respeito da aprendizagem colaborativa vivenciada ao longo das disciplinas de Metodologia do Ensino de Francês (MEN 7060), Estágio Supervisionado I – Francês (MEN 7061) e Estágio Supervisionado II – Francês (MEN 7062), que fazem parte do currículo do curso de Licenciatura em Letras – Língua Francesa, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Essas três disciplinas são consecutivas, obrigatórias e uma é pré-requisito da outra. Na primeira, a de Metodologia, quando o enfoque é mais teórico, são discutidos aspectos do ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira (LE). Nas disciplinas de Estágio I e II, a teoria dá lugar à prática e os estudantes-estagiários assumem turmas nas escolas onde vão atuar durante o período de estágio.

As experiências vivenciadas e relatadas neste trabalho ocorreram durante o período da pandemia da COVID-19, quando as instituições de ensino estavam desempenhando suas atividades de maneira remota.

Este trabalho tem o intuito de fazer uma breve reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem colaborativa, tendo como foco as relações entre a professora orientadora do estágio, a professora titular da disciplina de francês do Colégio de Aplicação/UFSC e as duas estagiárias ao longo das experiências vivenciadas para a concretização de dois projetos que foram partes importantes das atividades desenvolvidas nos Estágios I e II. No entanto, em um primeiro momento, na disciplina de Metodologia, as estagiárias trabalharam individualmente com as professoras. A dupla de estagiárias foi formada somente durante as disciplinas Estágios 1 e 2.

O nosso objetivo é, a partir do inter-relacionamento dos agentes envolvidos, refletir sobre como os elementos dos conceitos de ensino-aprendizagem colaborativa estão inseridos no contexto desses dois blocos de relacionamento. Deste modo, procuramos estabelecer um

paralelo entre as nossas experiências na produção de um dos projetos e elementos da aprendizagem colaborativa. E para isso, nós nos apoiamos em teóricos como Selma Garrido Pimenta, José Carlos Libâneo, Marta Kohl Oliveira, Alcino Silva, Christian Puren, para assim pensar o processo de ensino-aprendizagem colaborativa em nossa formação profissional e pessoal.

### **Contexto de formação e os primeiros passos**

No ano de 2020, o ensino foi impactado pelas altas taxas de contaminação e letalidade causadas pelo vírus nas pessoas, sendo que o distanciamento social seria um dos principais meios de evitar a contaminação. Com o distanciamento, o sistema de educação foi afetado, o que influenciou, principalmente, a relação presencial entre alunos e professores. O ensino em modo remoto (que não se trata de uma modalidade de ensino, como a Educação a distância – EaD, mas de uma solução rápida e acessível para situações emergenciais foi implantado em vários níveis educacionais.

No Colégio de Aplicação da UFSC, onde realizamos as observações e os estágios, durante o período do ensino remoto, as aulas aconteceram nos mesmos horários do modelo presencial, adaptando a rotina de sala de aula em um ambiente virtual acessado por cada um a partir de suas residências. O Colégio de Aplicação (CA), por exemplo, reajustou a carga horária de aulas síncronas para que fosse possível trabalhar de maneira mais adequada. Houve adequação da carga horária presencial para o modelo remoto, visando a menor permanência dos estudantes diante das telas e, também, o aumento da capacidade de concentração. Uma das soluções proposta pelo grupo de professores e especialistas foi a divisão das atividades de forma síncrona (aulas por videoconferência) e assíncronas (tarefas elaboradas para os alunos realizarem de forma autônoma). Para todas as atividades, o CA usou a plataforma Moodle e seus recursos. Os

professores fizeram diversas formações para uso das plataformas e sobre o modelo de ensino remoto, antes do início das aulas.

Adaptações foram feitas para adequar a forma como são ministradas as disciplinas, mas, de modo geral, tentou-se manter o modelo de conteúdos programados para as aulas na modalidade presencial. As aulas remotas podem ser consideradas como solução temporária para continuar o ano letivo, e têm como principal característica o modo on-line, ou seja, o uso da Internet e os diversos aplicativos disponíveis, possíveis de serem vinculados à plataforma Moodle, no nosso contexto.

Sendo assim, educadores e educandos tiveram que se adaptar rapidamente, não somente a um novo estilo de vida, resultante das restrições sanitárias, mas também a ensinar e a aprender dentro de um novo modelo de ensino, o remoto. Mesmo com suporte das instituições, a quantidade de dificuldades impostas por questões econômicas, sociais, psicológicas e até mesmo de adaptação às tecnologias fizeram com que todos tivessem que encarar esse novo desafio. Foi neste contexto que as estagiárias desenvolveram suas atividades de estágio.

Primeiramente, o processo vivenciado na disciplina de Metodologia foi marcado por sentimentos de medo, insegurança e receio, por não me julgar capaz de realizar e atender a todas as demandas exigidas e, principalmente, porque a disciplina era o pré-requisito para as disciplinas dos Estágios I e II. Imaginar que teríamos que planejar, estruturar e ministrar aulas para uma classe do 3º ano do Colégio de Aplicação causava ansiedade. Certamente, o fato de nunca termos estado à frente de uma sala de aula como professora, e por acreditar que o conhecimento da língua francesa não era satisfatório, foram os principais pontos para aquele turbilhão de sentimentos. Porém, o processo se iniciou e, pouco a pouco, as barreiras foram sendo vencidas, tais como ministrar a aula sem ver os alunos, visto que eles não abriam as câmeras de seus computadores, o compartilhamento dos

materiais no momento da explanação da aula, o uso de aplicativos para a aplicação dos conteúdos e o próprio uso das tecnologias remotas.

O primeiro plano de aula, sobre a utilização do tempo *imparfait* do francês, visando uma pequena intervenção na disciplina da professora titular, foi o primeiro de muitos desafios. Naquela ocasião ainda não havia uma dupla de estagiárias, então a aprendizagem colaborativa era entre três agentes apenas. Logo foi possível perceber, no primeiro esboço da atividade apresentado às professoras para análise e crítica, características de uma concepção conservadora, aquela que apresenta atividades que não são capazes de fazer com que o aluno demonstre a sua capacidade crítica e analítica a respeito das estruturas e relações existentes no conteúdo ministrado, bem como não permitem que o aluno exponha suas experiências e disposições intelectuais. Na ocasião sugeri uma música francesa de nome Nathalie, escrita por Gilbert Bécaud, em 1964, porém além da música ser antiga, que por si só não deveria ser um problema, a forma como o material foi abordado exigiria apenas a repetição e/ou a cópia de termos da letra original pelo aluno e não o desenvolvimento de suas capacidades dedutivas e analíticas frente ao uso da estrutura da língua. Foi naquele momento que entendi o quanto precisava mudar as perspectivas de muitos dos meus pontos de vista. Pode-se dizer que as concepções desse primeiro trabalho foram as de uma simples reprodução de metodologias e métodos antigos, pois ainda não havia passado pela experiência de ensino e aprendizagem colaborativos, como os que estavam começando nesta etapa da minha formação. As modificações foram feitas e, aos poucos, com mais leituras, aulas, troca com os colegas, os ensinamentos da professora orientadora e as reuniões com as duas docentes foi possível vivenciar um período de mudança e de quebra de paradigmas. Certamente, o suporte recebido pela professora orientadora e pela professora ministrante da disciplina de francês na escola foram de grande importância para o êxito naquela e em todas as demais atividades que vieram depois. Com o passar do tempo e o avanço da disciplina de Metodologia, por meio de suas atividades,

interações, conteúdo teórico programático e as orientações recebidas pela professora, cheguei ao fim mais confiante e com a certeza de que havia experimentado situações que serviriam de base para as disciplinas de estágio.

Hoje, diante da constatação dos sentimentos vivenciados, me questiono se havia mesmo necessidade para tanta angústia, pois não seriam as duas disciplinas apenas disciplinas como qualquer uma das cursadas anteriormente? Afinal, qual seria a verdadeira importância e obrigatoriedade dessas disciplinas para a minha formação inicial? Para tentar responder a essas perguntas me reporto a uma base legal, ou seja, busco dentro da legislação elementos para esclarecer esses meus questionamentos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Nº 9.394, no artigo 62, em seu parágrafo único estabelece que:

A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos: ... II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço (BRASIL, 1996).

Além de uma obrigatoriedade legal instituída nacionalmente, o estágio também está regulamentado na UFSC por meio da Resolução Normativa nº 73/2016/CUn, de 7 de junho de 2016, conforme artigos abaixo.

Art. 2.º ... considera-se estágio o ato educativo escolar supervisionado desenvolvido no ambiente de trabalho, previsto no Projeto Pedagógico do Curso como parte integrante do itinerário formativo do aluno.

Art. 3.º O estágio a que se refere o art. 2.º desta Resolução Normativa visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional, objetivando o

desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho (UFSC, 2016, p. 01).

A lei e a normatização acima citadas nos confirmam que as disciplinas de estágio são de grande importância para o aluno que está se formando para atuar no campo da educação, pois elas representam o momento de prática para o estudante. O estágio é o momento em que o aluno tem a possibilidade de articular os conhecimentos adquiridos durante o decorrer do curso e aplicá-los de forma prática na qualidade de professor em uma instituição de ensino com alunos. Para Pimenta e Lima (2004), cabe ao estágio:

desenvolver atividades que possibilitem o conhecimento, a análise, a reflexão do trabalho docente, das ações docentes, nas instituições, a fim de compreendê-las em sua historicidade, identificar seus resultados, os impasses que apresenta e as dificuldades (PIMENTA e LIMA, 2004, p. 55).

Em virtude do acima citado, torna-se possível a validação dos sentimentos vivenciados, pois o estágio é uma disciplina diferente de todas as demais disciplinas dos cursos de Licenciatura, ou seja, o estágio, mais do que uma parte prática, é o momento de tomada de consciência da teoria, e também um momento de união da teoria com a prática. É na prática que o estagiário tem a oportunidade de se inserir em uma realidade social de ensino e aprendizagem e aproveitar a oportunidade para questionar, problematizar, compreender, fazer o exercício da reflexão sobre o ato de ensinar enquanto atua.

Ao viver a prática, tendo como base as teorias, adquire-se elementos conceituais para uma reflexão no momento em que se faz o estágio. Essa vivência vai modificar conceitos e aprendizados que, por consequência, levarão à elucidação e ao aprimoramento de conceitos incorporados ao longo do curso e ressignificados durante o processo de



estágio, fazendo, portanto, com que o conhecimento sobre ensinar e aprender seja modificado e ampliado, e isso caracteriza a importância da disciplina na nossa formação.

Desta forma, ressaltamos a necessidade de uma teoria que subsidie o fazer do professor, fazendo-o avançar de modo qualitativo em sua prática. Libâneo (2004) ressalta a importância da apropriação da teoria para pensar a prática:

[...] necessidade da reflexão sobre a prática a partir da apropriação de teorias como marco para as melhorias das práticas de ensino, em que o professor é ajudado a compreender o seu próprio pensamento, a refletir de modo crítico sobre sua prática e, também a aprimorar seu modo de agir, seu saber-fazer, à medida que internaliza novos instrumentos de ação (LIBÂNEO, 2004, p. 137).

Nós, alunas-estagiárias, no instante em que fizemos a nossa matrícula na disciplina de Estágio Supervisionado I, ainda não éramos uma dupla, mas já tínhamos consciência de que teríamos muito trabalho a desenvolver, que seríamos muito exigidas e que estávamos começando um período que seria intenso e desafiador. Naquela ocasião, não tínhamos uma definição clara do que era e o que representavam as disciplinas de estágios e nem a relevância desse processo todo para a nossa formação, bem como o entendimento e o amadurecimento em relação às teorias educacionais. A experiência vivenciada na disciplina de Metodologia, ministrada anteriormente, havia nos munido de algumas ferramentas e práticas essenciais para o início das duas disciplinas de estágio, disciplinas estruturadas de forma sequencial e que, para um melhor aproveitamento, devem ser feitas em semestres consecutivos, pois assim o conteúdo e a prática se potencializam de forma a propiciar uma melhor compreensão e consolidação da experiência e do conhecimento vivenciados e gerados.

Os três semestres, 2020.2, 2021.1 e 2021.2, foram marcados por muito estudo e trabalho. Dessa forma, podemos afirmar que conseguimos aprender sobre diversos aspectos que compõem uma aula e sua preparação, como a elaboração de planos de ensino, a criação de atividades síncronas e assíncronas e, principalmente, a boa utilização de aplicativos e ferramentas digitais, além é claro de um desenvolvimento emocional para o exercício da profissão, a incorporação de um saber agir e posicionar-se na prática do ensino com os alunos, de forma a propiciar um ensino mais dinâmico e conectado com a realidade do nosso público, uma vez que nossos alunos estão cada dia mais vinculados às tecnologias e ávidos por conhecimento. Outro elemento importante foi a percepção do ambiente da sala de aula que, por ter sido no modo remoto, foi novo e inusitado, pois a nossa construção mental e experiências sempre se deram em uma sala de aula física, ou seja, toda a nossa construção mental era pautada em uma sala de aula presencial. Essa experiência trouxe uma nova forma de ver e sentir o espaço de uma sala de aula, no que concerne a atuação como professora enquanto educadora e docente que busca perceber a evolução do aluno. A forma como os alunos interagiram também se apresentou de forma modificada, pois o contato visual ficava prejudicado, visto que eles resistem em abrir as câmeras, e a interação podia ser verificada pela participação no chat e pelas manifestações pelo microfone.

Ao longo desse período, foram produzidos quatorze planos de aula com planejamento de atividades e tarefas, dez apresentações de slides para dar suporte às aulas, mais de treze relatos críticos-reflexivos de aula – das aulas observadas e das aulas ministradas, documento com quadro de notas para serem enviados por e-mail a cada um dos alunos, vídeo interativo com perguntas, jogos on-line em pares, jogos de perguntas e respostas, livro de receitas digital resultado do projeto *Nos recettes*, um *Instagram* da turma com os posts criados no projeto *Nos sportifs.ves*. Sendo assim, as estagiárias precisaram aprender a utilizar aplicativos e ferramentas digitais para a criação de atividades

educativas, além de aprender a ministrar aulas de forma virtual. Foi neste contexto que emergiu o processo de aprendizagem colaborativa entre as estagiárias, e entre as estagiárias e as professoras orientadora, responsável pelas disciplinas de Metodologia e Estágios, e supervisora, professora titular da disciplina de francês do CA.

Após esta introdução, passamos a algumas considerações a respeito de como se deu essa experiência de aprendizagem colaborativa na elaboração e ministração das aulas em um dos projetos elaborados pelas estagiárias.

### **Aprendizagem colaborativa**

Durante a realização dos estágios foram desenvolvidas atividades síncronas e assíncronas, produtos de reuniões semanais com as professoras orientadora e supervisora. O objetivo dessas reuniões era discutir e planejar as estruturas das atividades, das aulas e dos projetos que seriam criados e ministrados para os alunos do 3º ano do CA. Foi durante esses encontros que aconteceram momentos que podemos caracterizar como um trabalho colaborativo, que representa a aprendizagem colaborativa enquanto referencial teórico, pois todos os participantes estavam ali com seus conhecimentos e experiências pessoais, atuando como agentes para a execução de um projeto de aula.

Naqueles momentos, nós, as estagiárias, na qualidade de alunas, éramos convidadas a participar de forma atuante na criação (elaboração e reflexão) dos materiais que seriam apresentados aos alunos e, nesse contexto de participação, nós nos colocamos na posição de membros atuantes que iriam agir e interagir com as docentes, ou seja, nós éramos um grupo trabalhando de forma colaborativa. O grupo era formado por quatro pessoas, sendo: a professora orientadora, que ministra a disciplina de estágio desde 2010, com experiência e conhecimentos adquiridos nas diversas orientações realizadas ao longo desse período e com sua bagagem e experiências profissionais; a

professora supervisora da disciplina FLE do Colégio de Aplicação, também uma professora doutora que está ministrando aulas de FLE no CA desde 2017 e com experiência em ministrar aulas anterior a essa contratação; e as alunas graduandas do curso de Licenciatura em Letras – Língua Francesa da UFSC que cursaram as diversas disciplinas do curso, mas que não tinham experiência docente. Os grupos colaborativos são formados por pessoas que compartilham decisões, se responsabilizam pela qualidade do que é produzido e, como diz Damiani (2008),

Na colaboração, ao trabalhar junto, os membros do grupo se apoiam, visando atingir objetivos comuns negociados pelo coletivo, estabelecendo relações que tendem à não hierarquização, liderança compartilhada, confiança mútua e co-responsabilidade pela condução das ações (DAMIANI, 2008, p. 215).

A definição acima se encaixa bem no que efetivamente ocorreu em nossos encontros com as docentes, mas tudo ainda seria elaborado e trabalhado no pequeno grupo que era formado somente pelas duas estagiárias. Apesar de sermos um grupo menor, os princípios que norteavam o grande grupo também ocorriam no nosso pequeno grupo, ou seja, nós agimos e interagimos na construção de um trabalho coletivo e colaborativo, no qual trazíamos nossos conhecimentos e aptidões de forma a fazer uma troca que potencializaria o nosso aprendizado como um todo. Durante as reuniões, muitos eram os elementos trabalhados e, junto com eles, coexistiam as características psíquicas e emocionais de cada uma das pessoas do grupo, bem como suas certezas e incertezas, o que gerava uma teia complexa que algumas vezes necessitou de mais tempo para o andamento do processo como um todo. Nos encontros com as docentes, muitas das vezes, nos transportávamos para a situação em que seríamos docentes, ocasião em que junto aos alunos formaríamos um outro grupo que

certamente geraria aprendizagens coletivas e colaborativas. De acordo com Roldão (2007),

[...] o trabalho colaborativo estrutura-se essencialmente como um processo de trabalho articulado e pensado em conjunto, que permite alcançar melhor os resultados visados, com base no enriquecimento trazido pela interação dinâmica de vários saberes específicos e de vários processos cognitivos (ROLDÃO, 2007, p. 27).

Algumas vezes, os encontros das estagiárias com as professoras se deram de forma separada, mas não descontinuada, visto que o contato e as trocas de informações entre as docentes eram constantes e estavam, além de sintonizados, muito bem articulados. Todos os encontros das estagiárias com as professoras foram imprescindíveis para que as primeiras pudessem compreender o que é elaborar um projeto que carrega em seu bojo os conceitos de uma aprendizagem colaborativa, criada na base de um projeto ordenado e estruturado para ser aplicado de forma a envolver os alunos para que eles sejam elementos atuantes no seu próprio conhecimento. Além dos encontros com as professoras, as estagiárias realizaram mais de cinquenta encontros entre elas para a elaboração dos materiais e preparação das aulas, encontros que foram momentos ricos, proporcionando a ambas crescerem profissionalmente e individualmente.

Assim, o processo adquire um significado mais abrangente, sempre envolvendo interação social, pois para Vygotsky o aprendizado ou aprendizagem é o processo durante o qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, a partir do seu contato com a realidade, interagindo com o meio ambiente e com as pessoas. Foi a partir dessa perspectiva que os conceitos sobre a aprendizagem colaborativa se estabeleceram no âmbito das teorias educacionais. Em uma aprendizagem colaborativa todos os envolvidos são responsáveis

pela aprendizagem e estão centrados no aluno. Por essa razão, o papel do professor passa a ser de um facilitador, as habilidades desenvolvidas são de metacognição e a aprendizagem é ampliada devido à colaboração originada pelas trocas entre docentes e discentes. Assim se deram as trocas das estagiárias com as professoras e também as trocas entre as estagiárias, pois a aprendizagem colaborativa prevê o desenvolvimento de habilidades de aprendizagem, conhecimento pessoal e relações sociais, de maneira que cada membro do grupo é responsável tanto pela sua aprendizagem como pela do restante do grupo (PEREIRA, 2020).

Além do já mencionado, esses encontros foram, também, momentos de desenvolvimento da capacidade crítica, do descobrimento pessoal, da clarificação de nossas ideias. Conforme apresentado anteriormente, todo esse contexto se deu dentro de um quadro pandêmico causado pelo vírus da COVID-19, no qual as pessoas estavam vivenciando uma restrição de contato físico e muito do emocional das pessoas se encontrava fragilizado e potencializado frente aos acontecimentos provenientes do distanciamento e isolamento que se impuseram nesse período. Atuando na modalidade de ensino online, tivemos a oportunidade de fazer uso de várias ferramentas tecnológicas de informação e comunicação passíveis de uso no ensino e na aprendizagem. Algumas das ferramentas utilizadas foram *Pixton*, *Kahoot*, *H5p*, *Trello*, *Canva*, *Wordwall*, *Google docs*, *Google apresentação*, entre outros.

A popularização e a disseminação das tecnologias de informação e comunicação na educação aumentaram significativamente durante esse período de aulas remotas, pois a busca dos docentes para fazer com que os alunos se envolvessem e ficassem mais focados nos conteúdos e atividades ministrados foi pautada no uso desses recursos. Em relação a esse tema, ressaltamos que era visível o quanto os alunos do 3º ano do CA ficavam contentes nos dias em que havia atividades com o aplicativo *Kahoot*, por exemplo. Observou-se na prática como esses recursos, disponíveis gratuitamente na rede da internet, podem

nos ajudar a conseguir um maior engajamento dos alunos em nossas atividades e, conseqüentemente, nos dar suporte para um trabalho coletivo que leve à aprendizagem colaborativa.

A partir das considerações mencionadas sobre a aprendizagem colaborativa e o uso de ferramentas tecnológicas de informação e comunicação na elaboração e ministração das aulas para a turma do 3º ano do CA, discorreremos sobre um dos projetos ministrados em sala de aula. O projeto *Nos sportifs.ves* foi resultado de algumas das reuniões para a elaboração dos conteúdos para os alunos da turma do 3º do CA.

### **A disciplina de FLE no CA e a turma do 3º ano do Ensino Médio**

Antes de entrarmos propriamente no projeto desenvolvido, faz-se necessário alguns esclarecimentos a respeito da disciplina de Francês Língua Estrangeira ministrada no CA e, também, sobre a turma do 3º ano.

No que concerne à turma, destacamos que ela é relativamente pequena, composta por seis alunos com idade entre 16-18 anos, em fase de prestar vestibular, que estudam a disciplina de francês desde o ano de 2017 e, por esse motivo, possuem uma boa base de conhecimento acerca da língua. De uma forma geral, são alunos participativos, interessados, que se identificam com o idioma, tendo a maioria escolhido o francês como primeira opção de língua estrangeira a ser estudada.

Por serem adolescentes que nasceram num mundo digital/tecnológico, seria de se esperar que tivessem uma atuação mais proativa quanto à abertura da câmera e do microfone, mas infelizmente essa não foi uma prática constante dos alunos durante o período de observação das aulas e nem mesmo durante o desenvolvimento do estágio. Por esse motivo, durante as nossas reuniões de planejamento de aulas e atividades, conversávamos sobre quais estratégias

deveríamos adotar para que os alunos abrissem suas câmeras e microfones e para que tivessem uma participação mais ativa nas aulas.

Tínhamos um conhecimento de como era o ritmo de participação dos alunos, visto que havíamos observado as aulas referentes ao módulo 05, do livro didático utilizado pela escola para o ensino do idioma francês, cujo título é *Fais ton cinema !*, ministradas pela professora titular da disciplina. Os alunos, como fora dito anteriormente, não abriam suas câmeras e microfones, mas participavam via chat com a professora, perguntando e respondendo as dúvidas, os questionamentos e os esclarecimentos sobre os conteúdos, e também interagiam entre eles pelo chat. Nas aulas em que era utilizado o aplicativo *Kahoot*, eles respondiam as perguntas de forma escrita e oral, e a participação era sempre muito entusiasmada.

Em relação às aulas ministradas sobre o conteúdo do módulo 05, destacamos a aula da apresentação da última atividade avaliativa, na qual os alunos apresentaram o resultado de pesquisas e estudos feitos anteriormente sobre um filme de escolha pessoal. A apresentação desta atividade teve como base o aplicativo *Padlet*, elaborado e preenchido pelos próprios alunos com a orientação, supervisão e correção da professora titular da disciplina. Nesta aula, presenciamos alunos participativos, atuantes e com uma expressividade no idioma muito boa, ocasião em que era perceptível a troca de conhecimento entre eles. Os alunos discutiram sobre suas percepções pessoais sobre o filme, os atores, o diretor e o quanto aquele filme havia chamado a atenção deles, momento em que havia troca de conhecimento e uma potencialização do ensino e aprendizado entre eles. Esta aula foi importante, pois foi um modelo de ação e integração entre os alunos e dos alunos com a docente que nós, estagiárias, almejamos alcançar quando da ministração de nossas aulas.

Foi a partir dessa atuação dos alunos que as estagiárias pautaram a construção das aulas futuras e a criação dos projetos, ou seja, criar atividades e tarefas que buscassem a atuação dos alunos, visando a um melhor aprendizado para os indivíduos e para o grupo de uma forma



geral, assim como fora visto na referida aula. No entanto, para que isso acontecesse, era preciso que todo o conteúdo aplicado viesse de uma proposta de criação e concepção das atividades a partir de uma aprendizagem colaborativa das professoras com as estagiárias, e foi justamente isso que foi feito ao longo dos estágios I e II.

Para a ministração das aulas de FLE, a instituição em questão adota a coleção *Adosphère*, da Editora Hachette, baseada na perspectiva *actionnelle*. Contudo, as alunas estagiárias, em conjunto com as professoras orientadora e supervisora, optaram por criar os materiais que seriam utilizados em sala de aula, tendo por base os temas do manual *Adosphère 3*, módulos 06 e 07, *Croque la vie !* e *Mets tes baskets !*, respectivamente. Foi a partir desta decisão que as estagiárias iniciaram as atividades de elaboração dos projetos *Nos recettes* e *Nos sportifs.ves* para que o conteúdo estabelecido pela instituição fosse ministrado em conformidade com a sequência dos capítulos do livro didático adotado.

Um outro ponto, previamente acordado entre as estagiárias e as professoras, foi que o conjunto de atividades produzidas pelas estagiárias seria pautado na perspectiva *actionnelle*, com elaboração de atividades em que os alunos pudessem desenvolver, além das quatro habilidades comunicativas (a compreensão e a produção escritas, e a compreensão e a produção orais), ações de atuação nas quais cada um dos alunos, dentro dos projetos propostos, exerceria uma participação ativa como agentes geradores de conhecimento. O objetivo era fazer com que, ao participarem de forma comunicativa como seres sociais que são, eles trouxessem suas vivências e experiências, posto que a ação social na comunicação é um ponto levado em conta na *perspective actionnelle*.

Segundo Christian Puren (2004), a *perspective actionnelle* não se preocupa apenas com as ações de fala, mas também com as ações sociais não obrigatoriamente linguísticas, como podemos ver no trecho que segue:

L'évolution méthodologique à peine ébauchée dans ce passage du Cadre européen de référence me semble pouvoir être prolongée utilement à partir du rappel salutaire, fait dans ce même paragraphe, de la différence existant entre l'apprenant/l'apprentissage d'une langue, d'une part, l'usager/l'usage d'une langue, d'autre part, distinction que le procédé privilégié de la simulation tend à gommer dans l'approche communicative : l'apprentissage de l'usage s'y fait en effet en simulant en classe des situations d'usage dans lesquelles l'apprenant joue le rôle d'un usager. Je propose d'appliquer cette différence pour distinguer clairement tâche et action, en définissant comme « tâche » ce que fait l'apprenant dans son processus d'apprentissage, et comme « action » ce que fait l'usager dans la société. Cette distinction entre tâche (d'apprentissage) et action (sociale) permet d'élaborer immédiatement un modèle efficace d'analyse des méthodologies successives (y compris l'approche communicative) et de diversification des dispositifs d'enseignement apprentissage (PUREN, 2004, p. 18).

Na citação apresentada acima, Puren nos apresenta as definições de tarefa e ação: tarefa (*tâche*) é o que o aprendiz faz em seu processo de aprendizagem e a ação (*action*) é a atuação que o usuário faz da língua em sociedade, ou seja, é o indivíduo social se colocando como agente atuante no momento da realização de uma atividade.

Durante a execução do projeto *Nos sportifs.ves*, pudemos presenciar esses dois conceitos ocorrendo na prática, ou seja, no

momento em que os alunos, após escolherem o atleta, responderam algumas perguntas e destacaram curiosidades sobre o atleta escolhido. Neste momento, os alunos estavam desempenhando uma tarefa e, no momento em que fizeram as suas apresentações para os demais colegas, manifestaram-se de forma ativa, ou seja, o ato de se manifestar e agir naquele momento específico e, principalmente, da forma como eles o fizeram foi um momento em que estavam presentes como seres únicos em suas individualidades e agiam de forma ativa, se colocando e se posicionando como indivíduos que são e interagiram entre si de forma a produzir um diálogo sobre as personalidades apresentadas. Por esse motivo, pode-se dizer que, para a realização do projeto, os alunos mobilizaram os conceitos de tarefa e ação.

### **Aplicação do projeto *Nos sportifs.ves***

Muito do que aprendemos durante esse processo de aprendizagem colaborativa não é palpável, não é físico e nem concreto, ou seja, é difícil de ser mensurado. Por esse motivo, decidimos escolher, entre tudo o que foi desenvolvido e criado, uma produção representativa de todo esse processo de aprendizagem colaborativa vivenciado ao longo do estágio. E esse objeto é o projeto *Nos sportifs.ves*.

O projeto foi concebido conjuntamente pelas estagiárias e pelas professoras orientadora e supervisora. Ele continha seis etapas e consistia em criar posts para serem publicados na rede social *Instagram*. As etapas do projeto foram: primeira etapa – a escolha, os alunos escolheram um atleta da modalidade esportiva que eles queriam. Depois de escolhido, na segunda etapa – a pesquisa, os alunos pesquisavam na internet informações sobre este atleta. Para essa fase do projeto, as estagiárias criaram algumas perguntas básicas com a finalidade de orientar os alunos sobre o que pesquisar. Na terceira etapa – a seleção, os alunos selecionaram algumas fotos para ilustrar o texto e o *post* que seriam produzidos. Passada a fase de pesquisa e

seleção, na quarta fase – a produção, os alunos produziram um texto sobre o atleta escolhido e, na sequência, quinta fase – criação do *post*, os alunos tomavam por base esse texto e criavam um *post* para ser publicado no *Instagram*. Finalmente, na sexta e última fase – a apresentação, os alunos apresentaram os seus trabalhos para a turma.

Na aula de apresentação do projeto para os alunos, as estagiárias compartilharam um slide com as seis fases do projeto e explicaram os passos, apresentaram os critérios de avaliação para cada uma das etapas do projeto, bem como a nota de cada uma das etapas. Tão logo foi concluída a apresentação do projeto, as estagiárias passaram para a fase de execução, em que os alunos começaram a realizar suas escolhas. Alguns alunos ficaram indecisos, visto que tinham vontade de falar de mais de um atleta, o que demonstrou empolgação e o engajamento dos alunos com o projeto.

O projeto *Nos sportifs.ves*, quando visto como um produto do grupo que trabalhou de forma colaborativa, pode ser dividido em três etapas: a de desenvolvimento do projeto, a de aplicação do projeto e a fase de avaliação do projeto.

A primeira etapa consiste no período de desenvolvimento do projeto e foi neste momento que tivemos uma reunião das estagiárias com as professoras, visando o planejamento das atividades e para tecer algumas considerações sobre como poderiam ser as tarefas que seriam solicitadas. Naquela ocasião, tivemos um *brainstorming* com muitas ideias e, inicialmente, pensamos que o produto final poderia ser um vídeo elaborado pelos alunos. Muitas foram as ideias e as contribuições que surgiram naquela ocasião, e a reunião seguiu com muitos comentários e observações até que se chegou a um consenso e a definições gerais do que seria o projeto. Vencida essa etapa, as estagiárias passaram para as reuniões entre elas e, nesses momentos, novamente, surgiram muitas trocas e ideias para as escolhas dos *templates*, criação dos documentos, confecção dos slides, elaboração do plano de aula e elaboração de como a aula seria ministrada, além de considerações sobre a própria condução do projeto e também sobre os

critérios de avaliação, bem como a divisão das notas ao longo das etapas do projeto.

A segunda etapa foi a aplicação do projeto, ocasião em que as estagiárias atuaram como professoras facilitadoras e conduziram o projeto fruto da aprendizagem colaborativa entre as estagiárias e as docentes. Nesta etapa tivemos a aula de apresentação do projeto para os alunos e as aulas para o desenvolvimento das fases. Neste momento, percebeu-se que o calendário para a realização de todas as atividades não correspondia à realidade dos alunos, visto que eles estavam sobrecarregados por causa da preparação para o vestibular. Portanto, as estagiárias e as professoras optaram por mudar o produto final substituindo o vídeo por um *post* no *Instagram*. Esta mudança deixou os alunos contentes, pois, além do vídeo ser mais trabalhoso, os *posts* para o *Instagram* fazem parte da prática social dos alunos.

O modo como foi elaborado e realizado o projeto *Nos sportifs.ves* possibilitou aos estudantes uma forma de trabalhar o FLE de maneira contextualizada e integrada. As atividades não eram exercícios mecânicos e fechados em si mesmos, mas atividades integradas, coordenadas e correlacionadas de forma a compor um todo. Foi interessante observar como os alunos falavam de seus atletas, ou seja, eles escolheram atletas a partir de seus gostos pessoais e, por esse motivo, no momento da apresentação, pudemos ver o quanto eles sabiam sobre a personalidade escolhida e como eles conheciam o universo que envolve o atleta. Foi também nesta fase que as estagiárias perceberam algo muito importante, de que planejar e executar são dois momentos distintos e que muitas vezes não conseguimos aplicar na prática o que foi planejado, ou seja, ser docente é estar alerta para adaptar um planejamento feito anteriormente, a fim de poder dar o melhor para os alunos em termos de conteúdo e conhecimento.

A terceira etapa foi a avaliação de todo esse processo, no mesmo dia da última aula para os alunos do 3º ano do CA. Na ocasião, muitas foram as observações e considerações feitas a respeito do projeto como um todo. Os membros do grupo falaram sobre suas percepções,

sentimentos e constatações de uma forma geral e foi unânime que o projeto tinha sido um sucesso em suas duas perspectivas: na avaliação da realização do projeto e na avaliação do projeto como um produto final do trabalho resultante da aprendizagem colaborativa.

## **Considerações finais**

O objetivo deste artigo foi apresentar algumas considerações sobre a prática pedagógica vivenciada durante o Estágio Supervisionado I e II, bem como fazer uma reflexão sobre questões que apareceram ao longo do processo, tendo como conceito de base o ensino e a aprendizagem colaborativos. Procuramos elucidar os conceitos teóricos com o que aconteceu na prática para a produção dos materiais didáticos, das atividades e os projetos que foram desenvolvidos por nós e aplicados nas aulas.

Algumas evidências nos fazem acreditar que nosso projeto foi exitoso. No que diz respeito à formação das estagiárias, cabe destacar o nosso crescimento e amadurecimento desde o momento da reunião de concepção do projeto, durante as conversas para a sua confecção e, finalmente, na sua execução, processo que nos permitiu constatar que esse formato de aulas contextualizadas num projeto-tema pode ser muito eficaz. Além disso, verificamos que a nossa ação como professoras deve ser continuamente dosada e pensada entre o que fora planejado e o que e como está sendo aplicado, ou seja, nem sempre o que foi planejado será executado da mesma forma e faz parte da atividade do professor fazer essa ponderação. Como último elemento que reforça o quanto o projeto atingiu seus objetivos, salientamos a empolgação dos alunos durante a pesquisa e a apresentação do seu atleta e o fato de todos os alunos terem concluído todas as etapas do projeto, mesmo sem ter podido comparecer a todas as aulas.

Todas as situações vivenciadas nos Estágios Supervisionados serviram para nos formar e nos transformar não apenas em professores de FLE, mas como seres humanos em constante crescimento e

amadurecimento que se situam e se posicionam no mundo em que atuam. Ao fim do Estágio Supervisionado II e da nossa experiência em docência como estagiárias na turma do 3º ano do Colégio de Aplicação, estamos transformadas e conscientes de alguns dos aprendizados que foram incorporados no agir e interagir do aprendizado colaborativo vivenciado ao longo desta grande e importante jornada que foi o estágio.

## Referências

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 15 fev. 2022.

DAMIANI, Magda Floriana. **Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/FjYPg5gFXSffFxr4BXvLvvy/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. **A aprendizagem escolar e a formação de professores na perspectiva da psicologia histórico-cultural e da teoria da atividade**. Educar, Curitiba, nº 24, 2004.

PEREIRA, José Aparecido. **O ensino com ênfase na aprendizagem colaborativa - reflexão sobre uma experiência na disciplina de teoria do conhecimento**. Educação por escrito, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 1-13, jul.-dez. 2020. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/30993/26339>>. Acesso em: 24 fev. 2022.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção docência em formação. Séries saberes pedagógicos).

PUREN, Christian. **Approche communicative et perspective actionnelle, deux organismes méthodologiques génétiquement opposés... et**

**complémentaires.** Disponível em: <<https://www.christianpuren.com/mes-travaux/2014a/>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

PUREN, Christian. **De l'approche par les tâches à la perspective co-actionnelle.** Actes du XXVe Congrès de l'APLIUT, 5-7 juin 2003, Auch, Les Cahiers de l'APLIUT (revue de l'Association des Professeurs de langues des Instituts Universitaires de Technologie), vol. XXIII, n° 1, fev. 2004, p. 10-26. Disponível em: 2004a - Site de didactique des langues-cultures (christianpuren.com). Acesso em: 20 fev. 2022.

RESOLUÇÃO NORMATIVA Nº 73/2016/CUn, DE 7 DE JUNHO DE 2016. Disponível em: <[http://portal.estagios.ufsc.br/files/2016/06/RN-73\\_CUn\\_2016.pdf](http://portal.estagios.ufsc.br/files/2016/06/RN-73_CUn_2016.pdf)>. Acesso em 24 fev. 2022.

ROLDÃO, M. **Colaborar é preciso:** questões de qualidade e eficácia no Trabalho dos professores, In: Dossier. Trabalho colaborativo dos professores, Revista Noesis, nº 71, 2007, p. 24-29.

## NOTAS DE AUTORIA

**Narceli Piucco** é Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é professora de francês do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Contato: [piucco.narceli@ufsc.br](mailto:piucco.narceli@ufsc.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2563-2816>

**Clarissa Laus Pereira Oliveira** é Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é Professora de Metodologia de Ensino do Francês no Departamento de Metodologia de Ensino, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Contato: [clarissa.oliveira@ufsc.br](mailto:clarissa.oliveira@ufsc.br)

**Valeria Cristina Noronha Kasper** é Graduada em Letras Francês - Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Catarina. [valeriakasper@hotmail.com](mailto:valeriakasper@hotmail.com)



### **Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT**

PIUCCO, Nanceli; OLIVEIRA, Clarissa Laus; KASPER, Valeria Cristina Noronha. Aprendizagem colaborativa no ensino remoto: produção e ministração de aulas na disciplina de língua francesa do 3º ano de ensino médio no Colégio de Aplicação (CA-UFSC). [Sobre Tudo](#), v. 14, n. 2, p. 193-218, 2023.

### **Financiamento**

Não se aplica.

### **Consentimento de uso de imagem**

Não se aplica.

### **Aprovação de comitê de ética em pesquisa**

Não se aplica.

### **Licença de uso**

Os/as autores/as cedem à Revista Sobre Tudo os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

### **Publisher**

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da [Revista Sobre Tudo](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de

seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

### **Histórico**

Recebido em: 19/08/2022

Aprovado em: 15/09/2023

Publicado em: 21/12/2023